

Imagens do imperialismo: o uso de imagens sobre o imperialismo nos livros didáticos¹

Bruna Cristina Susin (UCS)²

Luana Zaíra Bertoni(UCS e Colégio Estadual Imigrante)²

Maiara Cemin(UCS)²

Resumo

Orientar o olhar para interpretar fontes visuais constitui um aspecto importante para a construção do saber histórico e da capacidade analítica do mundo visual que cerca o aluno. Além disso, as editoras têm investido em um rico material visual. Portanto, propomos analisar os capítulos sobre o Imperialismo do final do século XIX, em três livros didáticos de História destinados ao Ensino Médio para verificar como estão sendo utilizadas as imagens e se as mesmas dialogam com o texto e com o contexto. Ao final, daremos um relato de experiência pessoal do uso positivo de imagens no ensino de História. Nosso aporte teórico são as obras *Visto y no visto*, de Peter Burke, *O desafio de fazer História com imagens*, de Paulo Knauss e *Através da Imagem*, de Ana Maria Mauad.

Palavras-chave: Fontes visuais. Ensino de História. Imperialismo. Livros didáticos.

Abstract

To guide the eye to interpret visual sources is an important aspect for the construction of historical knowledge and analytical capacity of the visual world that surrounds the pupil. In addition, publishers have invested in a rich visual material. Therefore, we propose to analyze the chapters on imperialism of the late nineteenth century, three history textbooks for the school to see how the images are being used and whether they engage in dialogue with the text and the context. At the end, give an account of personal experience of the positive use of images in teaching history. Our theoretical works *Eyewitnessing*, Peter Burke, *The challenge of making history with images*, Paul Knauss, and *Through Image*, Ana Maria Mauad.

Keywords: visual sources. Teaching of History. Imperialism. Textbooks.

Introdução

As imagens são um recurso amplamente utilizado nos livros didáticos. Elas atraem os olhares de alunos e professores, tornando o texto e as atividades contidas nele mais agradáveis. Também atraem professores, conquistando sua adoção nas escolas. As imagens também são obrigatórias nos livros didáticos de História, pois elas constituem um aspecto importante para a construção do saber histórico e da capacidade analítica do mundo visual que cerca o aluno. Sendo assim, educar o olhar constitui na atualidade um aspecto importante dentro do espaço escolar, principalmente na atualidade, com a realidade virtual. Partindo disso, nos propomos a analisar como estão sendo utilizadas as imagens nos livros didáticos brasileiros.

Escolhemos para nossa análise os capítulos sobre o imperialismo de três livros didáticos da primeira década do século XXI, todos de ensino médio. O critério

de escolha foi a primeira impressão: nós colocamos nos lugares dos alunos e escolhemos aquele que nos parecia melhor e mais atualizado. A partir da análise destes livros tentamos responder algumas questões; que construções do saber histórico estão inseridas na utilização das imagens e que capacidades analítica do mundo visual estão sendo desenvolvidas.

Partimos da idéia inicial que as imagens nestes livros são apenas recursos ilustrativos ou de prova daquilo que foi escrito e não são utilizadas para a problematização ou reflexão do aluno. Isto, segundo nosso entender, pode ser algo problemático pois "o livro didático é um produto da indústria cultural, como mercadoria, obedece a critérios de vendagem, por isso as editoras criam mecanismos de sedução" (MENDÉZ e PALUDO, 2010, p. 07), ou seja, é um objeto que tem poder de coerção. Além disso é um objeto que o senso comum exprime confiança.

A Didática Das Imagens

"Uma imagem diz mais que mil palavras."

Kurt Tucholsky.

A partir do momento em que decidimos analisar o uso das imagens nos livros didáticos de História, é imprescindível nos voltarmos para a relação entre História e Imagens, e como esta relação surgiu e vêm se transformando através do tempo. A nova escrita da História ampliou os objetos, os sujeitos, as temáticas e as fontes da pesquisa histórica. Sendo assim, as fontes visuais se tornaram ganharam destaque, pois alguns objetos são melhores retratados por imagens do que por textos. (BURKE, 2001).

Marisa Lajolo (1996), no seu artigo, *Livro Didático: um (quase) manual de usuário* atribui ao livro didático a responsabilidade de estar significamente em harmonia com os objetivos ao que se quer que sejam ensinados, ou seja:

Todos os componentes do livro didático devem estar em função da aprendizagem que ele patrocina. Como um livro não se constitui apenas de linguagem verbal, é preciso que todas as linguagens de que ele se vale sejam igualmente eficientes. (LAJOLO, 1996, p. 05)

Para o professor é imprescindível ter claro o seu referencial teórico e metodológico para que seja definido como ele trabalhará cada aspecto do livro, de textos a imagens. A partir disto, pode-se selecionar o livro didático, pois o trabalho com este não se tornará o objeto central das aulas, evitando um trabalho vazio e superficial, onde as imagens ficarão relegadas ao esquecimento e o texto perderá o sentido.

Já referente às imagens na História e seu uso em sala de aula, no artigo de Paulo Knauss (2006) chamado *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual*, o autor aponta para o fato de que as imagens ainda são muito pouco utilizadas pelo profissional de História e pela historiografia, que de tanto valorizar o

documento escrito, deixou de lado a importância histórica das imagens. Estas são a forma mais primitiva de expressão humana, que surge muito antes da escrita ou da hegemonia das sociedades. Portanto, ignorá-las é também ignorar grande parte da história da humanidade e uma gama enorme de fontes.

Mais um ponto importante destacado por Paulo Knauss é que:

É preciso atentar ainda para o fato de que, desde os tempos em que se fixou a palavra escrita, o novo código não veio substituir a imagem. A convivência entre expressão visual e expressão escrita sempre foi muito próxima. Ao longo da história das civilizações, são inúmeros os exemplos em que se percebe como os registros escritos acompanham os registros visuais. Velhas formas de escrita, como os hieróglifos, demonstram essa proximidade. Isso equivale a dizer que a história da imagem se confunde com um capítulo da história da escrita e que seu distanciamento pode significar um prejuízo para o entendimento de ambas. Reconhecer isso implica admitir que imagem e escrita sempre conviveram. (KNAUSS, 2006, p. 99)

Ou seja, a imagem vem antes da escrita. Não há melhor exemplo do que o próprio desenvolvimento do ser humano, que antes mesmo de aprender a ler, já possui a capacidade de identificar e se expressar através de imagens.

Em concordância com essa premissa, Peter Burke (2001) alerta que, frequentemente, os historiadores são "analfabetos visuais", que não aprenderam no curso da apreensão do seu saber como ler uma imagem. Ocorre que, nas poucas vezes que o historiador se utiliza de imagens em suas teses, geralmente elas são utilizadas para confirmar o texto escrito e não como uma variável a mais para suas teses. Não há intencionalidade para formular novas perguntas e novas respostas através das imagens, resultando assim numa "invisibilidade das imagens".

No artigo *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*, de Ana Maria Mauad (1996), tratando mais especificamente das fotografias, esta afirma que:

[...] entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a idéia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica. (MAUAD, 1996, p. 03)

Ou seja, as imagens são como textos visuais. A fotografia, a gravura, a charge passam por uma leitura que envolve três componentes: o autor, o texto propriamente dito e um leitor. Em uma imagem internamente existem diversos códigos de discurso que podem ser reelaborados conforme a sua utilização. Cada um destes três influenciará na interpretação final do objeto, a imagem, pois cada um envolve na leitura seu universo pessoal, seus saberes, sua cultura e suas técnicas.

A historiografia moderna tem se debruçado mais à cerca das imagens. Entretanto, ainda há uma lacuna muito grande entre o que se produz nas academias e a forma como as fontes históricas são utilizadas no ensino. Se ainda há uma grande resistência dos professores em utilizarem fontes históricas escritas em suas aulas, quando se trata da utilização de imagens como documentos históricos a situação se agrava.

Imperialismo

Antes de colocar nossos resultados referentes a cada livro faz necessário explicar o conceito utilizado de Imperialismo. A palavra Imperialismo já foi utilizada de várias maneiras diferentes ao longo da história. Em Era dos Impérios, Hobsbawn define o imperialismo como um fenômeno histórico ocorrido no período entre 1880 e 1914. Nesse período o mundo, com exceção da Europa e da América, foi dividido entre as potências imperiais: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália, EUA, Japão e Rússia. Mais de um quarto do mundo estava sob o controle direto, ou como área de influência de pouco mais de uma dúzia de países. O fenômeno do Imperialismo possui diversas dimensões, entre elas a econômica, a política, a cultural, a ideológica e a psicológica. Sendo assim caracteriza-se o Imperialismo, de uma forma geral, como a política de expansão e domínio territorial, cultural e econômico de uma nação sobre outra.

O imperialismo na África e na Ásia

O livro *História – das cavernas ao terceiro milênio* (2010), as autoras Myrian e Patrícia viram no tema imperialismo uma oportunidade de atender a nova lei nº 11.645, que torna obrigatório o ensino da história da África e dos africanos. Além disso, aborda a história do extremo oriente o que chama atenção por ser um diferencial em relação dos outros livros. A arte gráfica do livro nos passa a impressão de ser um livro bem atualizado. Um dos posicionamentos das autoras é “formar indivíduos que repudiem a indiferença e os preconceitos, que questionem o consumismo e o individualismo”³. Não queremos afirmar que o posicionamento das imagens e sua legenda foi escolhido pelas autoras do texto. Porém a má disposição das imagens traiu os objetivos das autoras

No capítulo “O imperialismo na África e na Ásia” através das imagens pode-se chegar a imagens diferentes quanto aos impactos do imperialismo para a África e para a Ásia. Para a África, olhando apenas para as imagens temos o imperialismo como um vilão. Já para a Ásia parece que o imperialismo foi bom para este continente.



IMAGEM 01

Como pode se perceber a legenda apenas descreve o que está na imagem e não traz elementos que revelem a fotografia por si, como fotógrafo, objetivo da imagem e quem a encomendou. Tampouco, o aluno fica com a consciência que fotografar no fim do século XIX era algo raro e caro. Portanto esta imagem não era passatempo e quem a solicitava era da elite.

A imagem é de tamanho pequeno assim como a legenda e a origem da imagem. Além disso a fotografia é PB o que pode trazer uma ilusão de realidade. Podemos considerar que esta imagem teria o objetivo de problematizar porém a legenda a traz como prova do que foi escrito.

Quanto às imagens que “ilustram” o imperialismo na África primam por imagens preto e branco, realçando um efeito de realismo. São imagens que expressam o extremo das diferenças sociais. Retratam uma África sem reinos, sem leis, sem governantes, sem organização social. O aluno só pode chegar à mesma conclusão que as ideologias imperialistas estavam certas: o africano é incapaz de administrar seu continente. Essas imagens também passam a idéia que o africano se subordinou pacificamente ao comando do branco (Figura 1). A imagem nos traz idéia de uma realidade cruel que é a discriminação social. Mas não trabalha a cultura e nem o ideal africano. Não devemos esquecer que esta imagem foi tirada com a intenção de educar o homem branco que o negro é um ser inferior. Ela tem intencionalidade. Não decodificando este discurso, estaremos reforçando a ideologia do darwinismo social do imperialismo. A legenda desta imagem colabora para a invisibilidade do discurso presente na imagem. Quem fotografou? Para que? Para quem? Que idéias tinha o fotógrafo? Ele era empregado de alguém?

As imagens do imperialismo asiático são maiores em tamanho, coloridas, chamando muito mais a atenção. Também alegres e suaves, não passando nenhuma idéia de violência, apenas de progresso. As imagens passam a impressão que só houve uma modernização no Japão e que China tranquilamente abriu seus portos para Inglaterra. Dominação, violência, desrespeito ao outro não aparecem nas imagens. (Figura 2). Desta vez a legenda referência a criação da imagem. Mas continua não trabalhando o uso social. A imagem traz uma vida tranqüila e alegre com o desenvolvimento do Japão. Mas será mesmo que havia tal harmonia? Quem deveria se convencer que o Japão estava melhor? Quem fez essa imagem?

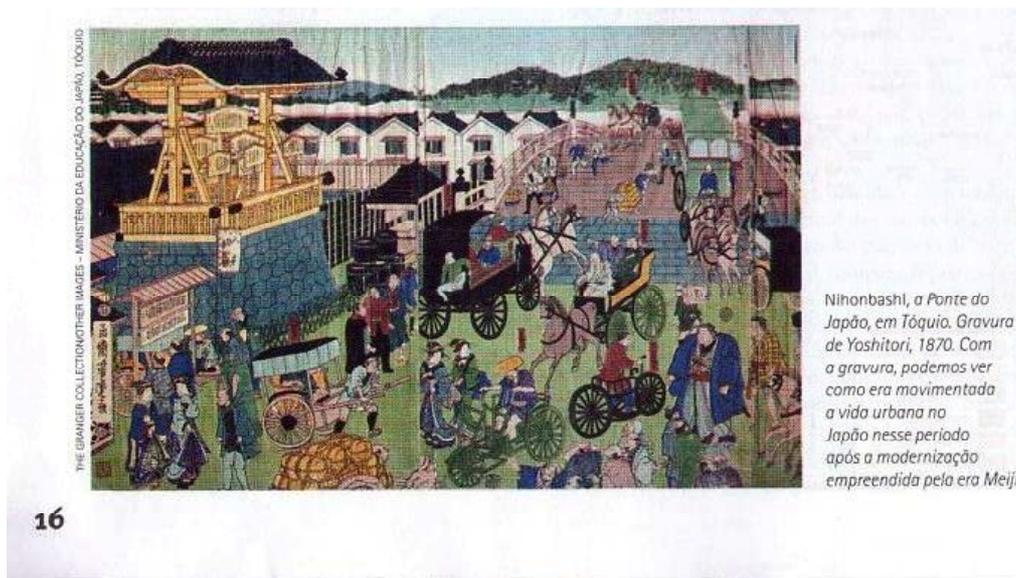


IMAGEM 2

Esta imagem está em tamanho maior que da África, sendo assim mais valorizada que a imagem 1. Novamente a origem da imagem é muito pequena e a legenda não traz elementos do uso social desta xilogravura e quem a solicitou. A cor, além da chamar mais atenção, traz ao receptor uma ilusão de alegria e progresso a imagem. Novamente podemos considerar que está imagem teria o objetivo de problematizar porém a legenda a traz como prova do que foi escrito.

As legendas também são importantes e por tal não devem se deter em uma descrição superficial. As legendas deste livro não remetem ao uso social da imagem e nem que olhar foi lançado para a realidade. Percebemos que as imagens sobre a África não foram feitas por africanos, mas a da Ásia, sim, foram feitas por sua elite. Mas o livro não trabalha isso. E nem tem orientação para que o professor aborde estas questões. O aluno saberá ler estas imagens? Acreditamos que não.

Estas imagens devem estar bem vinculadas com o texto próximo e links com o texto à imagem (por exemplo: confira imagem 1). Tal ferramenta não foi utilizada no livro. Desconfiamos de falta de diálogo do escritor do livro com a arte final do mesmo. O escritor e o editor não podem esquecer que o aluno que vai se utilizar do livro pode ser que tenha seu primeiro contato com o tema das imagens escolhidas pela primeira vez com esse livro didático. Também há de se levar em consideração que nem sempre o professor usará aquele capítulo do livro em suas aulas, mas o capítulo do livro vai acompanhar o aluno todo o ano letivo, isto é, provavelmente o aluno vai folhear o livro e associar as imagens ao título do capítulo.

Imperialismo e seu lugar na História Geral

Já o livro "História Geral", de Cláudio Vicentino, propõe um novo tipo de abordagem para os conteúdos que serão estudados, priorizando processo histórico em contraposição aos fatos históricos e conteúdos fragmentados. Os períodos históricos são estudados a partir de seus aspectos socioeconômicos e culturais, indo desde a pré-história ao capitalismo globalizado.

Com um visual convidativo, onde a capa possui imagens bem escolhidas – obras de arte de diferentes períodos - e páginas de papel de revista, este possui seus conteúdos bem organizados e dispostos para o entendimento do aluno.

Referente às imagens, o livro lhes concede bastante atenção. A quantidade destas é grande e nenhum capítulo fica sem alguma imagem. Sempre coloridas e de diferentes tipos, estão sempre acompanhadas por uma legenda. Porém, estas não são escolhidas pelo autor, e sim por dois indivíduos responsáveis pela “Ilustração”.

No capítulo sobre Imperialismo chamado “O Imperialismo do século XIX”, que se encontra na Unidade V, sobre Idade Contemporânea do século XVIII ao XIX, pode-se encontrar nove imagens, dentre mapas, obras de arte e caricaturas.

A primeira imagem do capítulo (Figura 03), e bastante interessante, é uma pintura de negros africanos vestindo-se como europeus, demonstrando o domínio cultural da Europa sobre a África.

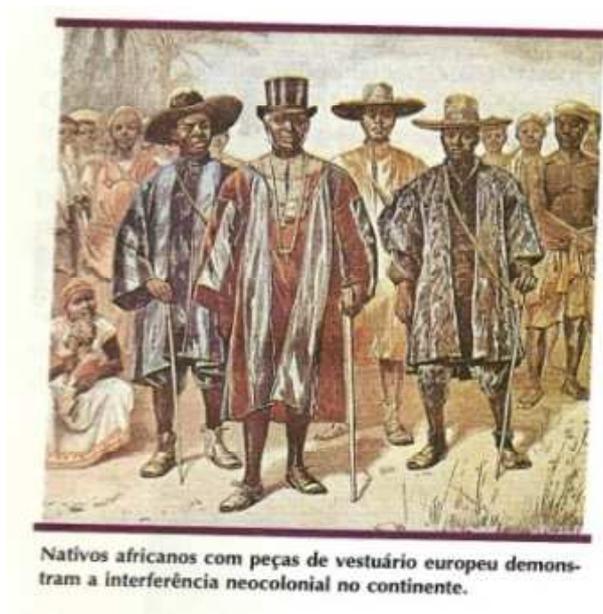


IMAGEM 3

Novamente a imagem está em tamanho reduzido. A legenda traz um pouco de reflexão, porém não traz elementos da materialidade da imagem, nem sequer tem a origem da mesma. Neste caso a imagem é usada apenas para ilustração, por que não encontramos referência no texto quanto ao assunto da imagem.

Infelizmente, no decorrer do capítulo, a proposta do autor em priorizar reflexões sobre os processos históricos não acontece. Dividido em subtítulos, um para cada país, selecionados pelo autor, que sofreram a dominação, o enfoque torna-se muito econômico e político, onde o uso de fatos e conseqüências se dá de forma inevitável por conta do espaço limitado que os livros didáticos oferecem para cada tema. Os aspectos sociais e culturais são deixados de lado e só aparecem timidamente em alguns quadros amarelos integrados ao texto. Portanto, por mais rica que a imagem acima seja para seu uso em sala de aula, a única referência a

esta é a sua legenda, e mesmo assim, em nenhuma delas está a referência de quem as produziu. O autor, por conta do enfoque dado nos seus textos didáticos, prioriza o trabalho apenas com mapas, e estes, sendo usados apenas como ilustração, para um melhor entendimento do texto.

O que se torna claro depois de uma análise atenta do livro é que suas imagens são usadas apenas como ilustração. Estas foram realmente bem escolhidas, pois são imagens pouco conhecidas e trabalhadas em outros meios pedagógicos, sendo um material novo. Porém sem um trabalho atento do professor à cerca destas, as imagens escolhidas podem tanto passar despercebidas como de forma a fazer o aluno pensar que estas são um retrato fiel da realidade.

No subtítulo dedicado à dominação na China, a imagem (Figura 4) escolhida para o tema foi um cartaz produzido pelos Boxers, referente à Guerra dos Boxers, um grupo de radicais chineses que lutavam pela libertação do país.



Cartaz de propaganda dos *boxers* m
uma base estrangeira.

IMAGEM 4

Igualmente como a imagem 3, a imagem teria um potencial maior se tivesse dados sobre a materialidade desta.

Como foi dito anteriormente, a escolha das imagens é interessante, pois não prioriza apenas a produção cultural da elite e através destas imagens, dá voz a estas minorias dominadas. Porém, sem um trabalho do professor, estas imagens pouca diferença farão no livro além de colori-lo.

Outro aspecto que vale ser destacado é que as questões e testes do livro são todos de vestibular. Ou seja, não há a presença de imagens. Portanto, estas não são questionadas em nenhum momento no capítulo.

Quando as imagens não se integram ao conteúdo

Já no livro didático: *Toda a história*- História Geral e História do Brasil de José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti (2005), o imperialismo é tratado como tema transversal na unidade X do livro, que se chama a Era do Imperialismo. A unidade em si fala da Idade Contemporânea, começa com as guerras napoleônicas e prolonga-se até 1914, quando eclode a primeira Guerra Mundial, atravessando todo séc. XXI. De modo geral as explicações são razoáveis, mas não há como o aluno fazer relação sem ter a imagem para ajudá-lo na construção do conhecimento.

O livro com relação às imagens é bastante superficial, dá mais ênfase a mapas do que imagens, as quais são pinturas, de forma insuficiente para o nível do Ensino Médio. De modo geral as explicações são razoáveis. Mas o texto e as legendas não criam condições para o aluno fazer relação usar a leitura imagem para a construção do conhecimento, principalmente no que se diz a análise crítica das imagens. Enfim, não educa o olhar.

E na prática

Insegurança por parte dos alunos ao interpretar imagens;

Os alunos do ensino fundamental tem mais facilidade;

Imagens mobilizam para o ensino através de textos;

Rompe com ensino estrutural e conteudista;

Auxilia na produção escrita;

Desenvolve a atenção e a análise;

Considerações Finais

Desde as últimas décadas, os livros didáticos ganharam valor comercial. Eles se tornaram cada vez mais atrativos. Folhas especiais, cores, imagens, gráficos são utilizados para conquistar professores com a missão de selecionar o livro didático que será usado por até anos, como é o caso das escolas públicas. Porém há toda uma organização e seleção que produz um discurso. Daí a importância de analisar muito bem estes aspectos.

Percebemos que o trabalho que os livros didáticos fazem com as imagens é um dos seus maiores problemas. Infelizmente percebemos que nem sempre quem seleciona as imagens é o autor do livro. Muitas vezes há um pessoal, não necessariamente com conhecimentos sobre o tema, que seleciona as imagens. Também que o conteúdo dos capítulos dos livros didáticos não consegue dialogar com as obras, apenas com os mapas, onde estes servem de ilustração e comprovação

do que é dito até então. Já os exercícios pouco ou nunca trazem uma imagem para ser analisada, e quando trazem não fazem referência a quem a produziu e em que época. Nem o livro do professor dá esse apoio ao educador, que com a falta destas informações básicas das imagens, pouco poderá problematizar com os alunos o tema tratado. Estes autores, tomando as imagens como ilustrações e retratos fiéis da realidade, perdem muito enquanto poderiam problematizá-las, tornando o aluno crítico e capaz de fazer reflexões sobre o passado, como por exemplo, quem teve o interesse de registrar daquela forma aquele acontecimento e com qual objetivo.

A imagem deve ser tratada como uma escolha, de outras tantas possíveis, de se registrar um momento considerado importante e com vistas de ser preservado por alguém. O professor deve questionar - e perpassar aos alunos este questionamento - qual o conteúdo da mensagem desta imagem? Cabe ao professor encontrar estes aspectos no trabalho com as imagens e ensinar aos seus alunos as várias composições de uma imagem, que ao todo, juntamente com outros tipos de fonte, são capazes de contextualizar toda uma época.

Ou seja, devemos reconhecer o potencial de comunicação universal da imagem e sua abrangência. Devemos trabalhá-la da melhor maneira possível, pensando nesta como parte integrante da história e produção de importância das sociedades, e não apenas como mais uma ilustração, um simples anexo. As imagens devem ser tomadas em toda a sua importância, se tornando intrínseca ao estudo do saber histórico em sala de aula.

Cabe ressaltar que mesmo que o uso das imagens nos livros didáticos seja feito de forma precária, o professor deve se apropriar destas e melhor se utilizar delas. E se a seleção de imagens dos livros didáticos é insuficiente, o educador deve ter a iniciativa de proporcionar mais fontes visuais aos alunos. Além de nos dias de hoje, no mundo de imagens em que vivemos haver muita variedade destes tipos de documentos a serem selecionadas pelo professor, se trabalhados da forma correta, as aulas se tornarão muito mais interessantes, dinâmicas e críticas.

Fontes

BRAICK, Patrícia R. e MOTA, Myriam B.. História: das cavernas ao terceiro milênio. Ensino médio, 3º volume. 2.ed.. São Paulo: Moderna, 2010.

VICENTINO, Cláudio. História Geral: Ensino Médio. Ensino médio. 9.ed.. São Paulo: Scipione, 2002.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico. Espanha: Crítica, 2001.

DECCA, Edgar de. O colonialismo como a glória do império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HOBSBAWM, Eric John. A era dos impérios: 1875-1914. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto. nº69, 1996, Vol. 16, jan./mar.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996.

Notas

1 Este artigo foi elaborado e apresentado como componente necessário para a avaliação da disciplina de História Contemporânea I na Universidade de Caxias do Sul no segundo semestre de 2011. Profª. Dra. Natalia Pietra Méndez.

2 Graduandas em História pela Universidade de Caxias do Sul.

3 Frase retirada da página 09 do suplemento para o professor "Orientações pedagógicas e metodológicas" do referido livro.